

As construções de sentidos e imagens de um urbano pelos poetas juazeirenses em 1987.

Las construcción de significación y imagen de un urbano por los poetas juazeirenses en 1987.

Assis Daniel Gomes*

Resumo: Juazeiro do Norte emancipada em 1911 tem como marco em sua formação-fundação as migrações ocorridas devido ao Padre Cícero, começadas em 1889 a partir do advento de um suposto milagre da hóstia que virou sangue na boca da beata Maria de Araújo. Alguns poetas que moravam em Juazeiro do Norte em 1987 na data festiva da emancipação do município se congregaram em função da fabricação de um livro/cordel em homenagem ao seu “torrão natal”. Procuraremos analisar como fora construído imagens-discursos sobre esse urbano através do olhar desses poetas. Para isso, pensamos as seguintes questões: 1- o lugar social dos poetas e sua escrita; 2- o imaginário sobre esse urbano e seus lugares de memória.

Palavras-chave: Urbano. Escrita. Literatura de cordel.

Em 1987, alguns poetas Juazeirenses procuravam se unir em prol da construção de uma “Ode a Juazeiro”¹. Como resultado desse encontro nasceu um livro, que possuía características estéticas semelhantes a uma literatura de cordel e continha várias poesias em honra a cidade de Juazeiro do Norte. Nessa época a cidade completava 76 anos de emancipação política, e essa obra foi de grande expressão literária naquele momento de festa e rememoração do passado.

Essa terra também chamada “Cidade do Padre Cícero” foi construída ao longo do tempo a partir do suposto “milagre da hóstia” em 1889, que como resultado desses possíveis “fatos milagrosos” acabaram atraindo para ela uma quantidade expressiva de pessoas. A importância dela também se constituía devido à força política que emanava das experiências do sagrado reveladas naquela terra do sertão do Ceará. Nas relações políticas existentes poderíamos destacar como seus dois mais expressivos representantes: Padre

* Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA), bolsista PIBIC-URCA, membro do LABHIM (Laboratório de História, imagem e memória), historiaassis47@yahoo.com

¹ Este trabalho provém de algumas reflexões referentes ao projeto de pesquisa “O embate entre o passado e o presente: a cidade de Juazeiro do Norte através da literatura de cordel (1934-1990)”.

Cícero Romão Batista e Dr. Floro Bartolomeu da Costa que travaram embates políticos regionais, estaduais e nacionais.

Esse espaço que se tornou sagrado começava crescer com o aumento da população, que em 1872 possuía 2000 almas e passava para 15.050 em 1909. Devido a esse crescimento iniciativas estavam sendo programadas com o objetivo da emancipação do povoado da dependência administrativa da cidade do Crato. Nesses conflitos conforme um boletim, publicado em 16 de agosto de 1907 sobre essas iniciativas dizia que já era “chegado o momento de pugnarmos com alta energia e valor pela nossa elevação, elevando Juazeiro a categoria de município, aumentando assim a importância de toda zona do Cariri que bem merece os vossos serviços para chegar ao grau de prosperidade que é digno” (OLIVEIRA, 2001: 161).

No ano de 1909 surgiu o jornal “O Rebate” como veículo de comunicação e divulgação da luta em prol dessa emancipação financeiro-administrativa do lugarejo. Ele tornou-se um lugar privilegiado para a constituição de heróis e de uma definição de uma identidade cidadina. A partir da conquista da emancipação em 1911, ela passava a ser festejada e era detentora de um capital simbólico que incentivou o processo de seleção de lembrança e esquecimento das personagens consideradas “seus heróis”, nela também se ressaltava a imagem de seu “eterno prefeito”: Padre Cícero. O livro “ode a Juazeiro” procurou, portanto, olhar essa cidade através da comemoração dos 76 anos de emancipação política, almejando representar em práticas poéticas e imagens o “torrão natal”. Enfim, nessa produção literária se congregava o corpo de alguns dos principais cordelistas-poetas de Juazeiro do Norte.

Eles buscavam congregar os seus olhares sobre esse urbano em um livro que tinha como finalidade reconstituir a História e importância desse espaço perante os outros lugares que o rodeava. Para realizar essa publicação se buscou apoio financeiro da Prefeitura Municipal da cidade, que tinha como secretário de cultura e turismo o poeta/cordelista Abraão Batista. Segundo ele na introdução dessa obra “Juazeiro do Norte é uma cidade feliz porque os seus filhos o amam e o louvam dentro do espaço que a administração Manoel Salviano pode oferecer”. (ODE: JUAZEIRO DO NORTE, 1987: 01) E diante dessas palavras de Abraão conseguimos entender o que Albuquerque Júnior disse “que o espaço é feito de natureza, sociedade e discurso” (2008: 108).

Olhando para o lugar social desses poetas e sua especificidade de construção, questionamos de onde parte o olhar deles, seu fazer-saber e seu fazer-criar. Essas categorias pressupõem reflexões sobre: quem produziu, por que produziu e em que

instituição realizava essa produção, qual o motivo dela e onde se enquadraria o próprio fazer? Tendo isso em mente no fazer historiográfico, seria necessário de acordo com Michel de Certeau que:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade (1982:66).

Esses cordelistas/poetas eram possuidores de formas de fazer em que suas estratégias, táticas e práticas cotidianas possuem uma especificidade dentro da sua produção do seu olhar artístico, ou seja, eles moldavam a sua produção em consonância as suas posições políticas e escolhas relacionadas à subsistência de sua arte. Sua obra também era norteadada pelo consumo e “modas” da época e que eram apropriadas por eles para manter o seu fazer em um tempo em que a comunicação e a tecnologia o oprimiam e ao mesmo tempo lhe construía um lugar, aquele que possuía “o dom”. E assim, visualizando a cidade em uma relação de mediação de fazeres dos cordelistas, possibilitou-nos pensar o imaginário construído e repassado por essa prática “popular” sobre o urbano juazeirense.

O urbano: Imagens e discursos de um lugar

Juazeiro do Norte dentro desse “celeiro sertanejo específico” de recriações e práticas se tornou naquelas décadas de 30 e 40 do século XX um lugar de ouro dentro da produção e venda da literatura de cordel. Esse lugar privilegiado do fazer cordelístico, essa promovida pelos sentidos e ressignificações dadas pela oralidade, construía-se no cotidiano daquele espaço, brotava-se de uma nova relação sócio afetiva com o lugar. E também pelas diversas formas de representações que devido à congregação de culturas acabou se tornando produto resplandecente da própria formação da cidade, e das pessoas que ali moravam. De acordo com Melo a especificidade dessa cidade dentro da produção da literatura de cordel era resultante da:

Onda migratória que se desencadeou em Juazeiro ao longo do século XX teve um significado mais importante: ali se formou um grande “caldeirão”, para o qual desaguarão trajetórias e práticas culturais diversas; uma série de experiências foram recuperadas da relação desses sujeitos com a natureza, com os homens e com o sagrado (2004:151).

Procurando perceber como os poetas construíam discursos de sentido e imagens sobre a “terra do padre Cicero” visualizámos que em cada poesia se apresentava concepções de louvação a essa cidade, um desejo também de uma cidade “ideal” em que ainda predominava o olhar do falo, do religioso e político sobre ela. Essa prática de sentido e pertença se formava e se reafirmava na construção imagético-discursiva dos juazeirenses. Logo, essa escrita se tornava primeiramente de diferenciação do espaço territorial-político e ao mesmo tempo se ampliava devido a seu *status* de sagrado.

Os poetas colocavam as suas poesias em uma linha linear do tempo. E por isso, buscavam através das rimas trazerem a tona algumas memórias-coletivas sobre a formação dessa urbe e de seus lugares de memória. Esse discurso, portanto, proveniente do resgate de um passado que estava sendo destruído rapidamente pelo avançado devir do tempo e das lembranças das pessoas, ressaltava espaços construídos para lembrar uma vivência coletiva. Consoante Pierre Nora, a História e a memória no mundo pós-guerra, confundiam-se, articulava-se, tornavam-se dependentes. A invenção de lugares do lembrar, conforme ele se constituía “nos três sentidos da palavra, matéria, simbólico e funcional” (1993: 21). Esses sentidos relacionam-se mutuamente onde um estava ao lado do outro na emergência de reavivar o esquecido pelos poetas juazeirense. Para Isso, enfim, construíam imagens que buscavam revelar o progresso e uma possível “essência” da origem da cidade que a permitia crescer em “estatura e graça”. Ou seja, a (re) invenção de uma ideologia religiosa que abençoava a busca pelo modernismo. Segundo Esmeralda Batista o Juazeiro progressista:

*Juazeiro dos meus sonhos idos e vindos depressa demais!
Juazeiro dos meus bosques
Da serra do horto distante...
Para lá à pé os nossos país nos levavam
Para rezar e para descansar.
Isto vai distante!
Juazeiro das ilusões, mil quimeras,
Lua cheia e canções
E versos fluindo em borbotões.
Vida simples tão bonita...
Juazeiro hoje tu és um colosso,
És painel, tens de tudo muito ou pouco,
Da ciência e religião
Da indústria ao comercio
Das coisas simples de antigamente
Do desenvolvimento ao modernismo do século!
Juazeiro cresceu
Á sombra de três juazeiros
Do Padre Cícero padrinho que legou
Para os herdeiros
Somos nós e os romeiros*

*Hoje, Juazeiro tu és grande e tens de tudo.
Tens asfalto
E campo de aviação
Tens colégios, faculdades, cultura e religião.
Tens comercio e tens indústrias
E tens também boa administração
Para crescer assim tão ligeiro juazeiro
Só há uma explicação:
Tu meu querido és romeiro e és afillhado
Do Padre Cicero Romão (ODE: JUAZEIRO DO NORTE, 1987:20-21.)*

O primeiro tema tratado na “ode a Juazeiro” se referia a uma lembrança de que Juazeiro se fez e se fazia pelos imigrantes. Nesse sentido, de acordo com o poeta Neto, a subjetividade e afetividade do sertanejo nortista quando visualizava e pisava nesse espaço: Aqui sou mais gente o coração sempre diz,/Aqui tenho amor, aqui sou feliz./Que fiz eu na vida?/Pensa o caminheiro, nas dôres sofridas (ODE: JUAZEIRO DO NORTE, 1987: 03). Nessa primeira parte do livro o tema central da construção poética foi o “Juazeiro dos Imigrantes”. Segundo o discurso dos poetas na obra em questão, percebia-se uma tomada e uma invenção de “um lugar” específico na construção sobre uma imagem do urbano juazeirense, isso se poderia considerar como um elemento diferencial de sua memória e identidade. Ao ponto de que, segundo o poeta, o imigrante ao chegar nesse espaço se considerava “mais gente o coração sempre diz” (ODE: JUAZEIRO DO NORTE, 1987: 03).

Na escrita sobre esse espaço além das condições territoriais que o constituiu, compreendia-se, portanto, como um lugar simbólico do inventar do homem. Ou seja, ele é o movimento de sentidos simbólicos que o produziu e o ressignificava no imaginário dos que ali o procurava. Esse discurso, também da uma nova imagem sobre esse espaço cuja áurea enveredava pelo campo do sagrado, do alívio, do simbólico, do além-físico, de uma busca por um sentimento de felicidade e pertença. Conforme Albuquerque Júnior, os espaços: “São marcados e indicados por dados odores, que estabelecem até fronteiras entre às espécies animais. Um odor pode fazer emergir lembrança de toda uma paisagem, que ganha com ele contornos espaciais, paisagens que entram pelo nariz” (2008:120). Portanto, olhando para a construção discursiva e de imagens sobre a cidade, essa se dava em um primeiro momento por um discurso de identidade dos moradores desse espaço e pela ação do Padre Cícero nesse fazer de pertença. E conforme o poeta Manuel Lacerda Neto esse Padre foi “batizado” com a expressão “pai fundador deste Novo juazeiro” e “mestre” (ODE: JUAZEIRO DO NORTE, 1987:03) dentro das disputas território-simbólicas juazeirense.

Outros nomes também foram construídos por eles para denominar Juazeiro como: “pouso aberto”; “oficina”; “templo-alívio”; “grande loja”; “grito jovem”; “árvore/ floresta”. Cada identificação dessas como uma ladainha da Igreja possuía uma resposta, que revelavam as

imagens do e sobre o lugar: do repouso, trabalho, conforto-alívio, criança, progresso, fundada por Padre Cícero. A produção de todas as imagens e discursos acima citados procurava estar sempre em relação com as outras partes da constituição desse lugar, e assim se colocava em uma posição de diferenciação que transformava o urbano juazeirense.

Logo, a categoria que representava o estar do fundador, Padre Cícero, dessa *Urbe* estaria em todas as imagens. Por isso, a mesma seria discutida simultaneamente ao longo dessas três relações que identificamos como de grande importância dentro do corpo das poesias/cordéis desse livro, pois cada uma delas demonstrava uma imagem ideal do urbano de Juazeiro em que não mais possuía apenas uma áurea religiosa, mas também capitalista-progressista. Elas foram: “Do repouso ao trabalho”; “Da Fé ao sentimento de alívio”; “Do nascedouro já resplandecia o progresso”.

A primeira relação era mediada pela fé, e essa gerava sentidos de espaços que possibilitavam tanto o descanso do corpo como também da alma. Consoante Raimundo Araújo seria “chantar o coração em um Juazeiro sem espinho” (Ode: Juazeiro do Norte, 1987:06). Percebemos, portanto, o nascer e o se renovar do imaginário sobre a cidade através dos discursos e imagens propagadas por eles. Pois segundo Silva Filho, a utilização de imagens para perceber a formação de suas estruturas físicas e simbólicas, ou seja, em suas práticas sociais devemos “Pensar a cidade por meio de imagens implica, sobretudo, a proposição de um conhecimento assentado em fragmentos, recortes do mundo social, cuja interação permite o vislumbre de alguns temas e aspectos da dinâmica urbana” (2004: 14).

Ao analisarmos essa imagem da cidade atrelada ao repouso, físico, espiritual e ao trabalho, seria voltar aos fragmentos das memórias dos devotos, das pregações do Sacerdote (Padim Ciço), e esses sendo parte da pedagogia utilizada por ele, ela era uma apropriação da regra de vida beneditina: oração e trabalho. Ao assumir esse tema para normatizar a vida de seus fies desde 1889 até a sua morte em 1934 conseguiu controlar, organizar e manter o seu: “Juazeiro... /Cidade nascida pela fé/És um exemplo de trabalho, amor e confiança/Surgindo das mãos do Padre Cicero,/De nome sem fim...../Juazeiro.....” (ODE: JUAZEIRO DO NORTE, 1987: 05).

Na “terra do patriarca” em 1889 aconteceu o suposto “milagre da hóstia”. Esse espaço marginalizado, em relação ao Crato, construiu também espaços de marginalização também dentro de seus domínios e nos seus discursos e imagens sobre o urbano juazeirense. Um conflito emanou de questionamentos/ações sobre a soberania do lugar da cidade do Crato perante a região, ela no Cariri cearense era a mais importante província,

possuidora de ilustres personagens dentro do cenário político Cearense. Os intelectuais da “Princesa do Cariri” buscavam construir mais um nome para esse espaço que simbolizaria o progresso, o lugar voltado para as atividades do espírito em contraposição ao fanatismo e barbárie de Juazeiro. E assim acabava constituindo o embate tanto político como simbólico contra o “Juazeiro do Padre Cícero”. Conforme Cortez:

Esse movimento sócio-religioso aterrorizou os intelectuais cratenses, posto que foi compreendido como uma ameaça á civilização e á ordem. Esse terror espalhou-se para os habitantes da cidade quando exércitos de Padre Cícero invadiram o Crato, onde se aquartelaram forças militares do Governo Rabelo, por ocasião da sedição de Juazeiro, em 1914. Aprofundou-se o fosso existente entre as duas cidades, sendo que no tempo político já estavam minadas as concórdias diante da questão politico-administrativa de 1911, quando o Juazeiro reivindicou a sua emancipação política (2000:192).

Esse lugar político-financeiro da região do Cariri estava sendo, portanto, revogado e apropriado por Juazeiro, pois ele já atraía para si uma remessa impressionante de pessoas em um delimitado recorte do tempo. Estes milhares de pessoas que gostariam de ver o sagrado pela fé saíam de seus territórios/regionais para um urbano/sagrado:

Tem profundamente impressionado ao paiz os factos de assombrosos prodigios por um modesto e virtuoso sacerdote apresentados, em uma pobre povoação do Estado do Ceará, a milhares de romeiros que desejam ver uma Hóstia Consagrada transformar-se no preciosissimo sangue de Nosso Senhor Jesus Christo. De todos os pontos da República afluem ao Juazeiro milhares de fiés que desejam robustecer a sua fé na vida d'além- tumulo (OS MILAGRES DE JOAZEIRO, 1892: 04).

Assim, a fé se fincava necessariamente dentro do processo de construção de uma identidade de Juazeiro da qual as imagens discursivas faziam parte. No entanto, aqui não discutiremos sobre esse processo de identidade com muito afinco, pois procuraremos perceber o imaginário urbano expressado na obra “ode a Juazeiro” que revela o amor tributado por esses poetas ao seu “torrão natal”.

No repouso que a fé proporcionava aos seus fiéis, também fazia parte o sentimento de alívio. O sentido atribuído ao urbano a partir desse milagre foi construído por meio dos sentidos que o homem é possuidor: ouvir, ver, sentir, cheirar. Na divulgação desse espaço, em um dos atestados de 1892 publicado no livro “os milagres de Juazeiro”, assim incitavam a vinda dos fiéis e não fiéis a esse lugar, e assim convidavam “aos descrentes para que vão de perto examinar os milagres que revelam o poder de Deus, a fim de se convencerem de que não é pelo hyponotismo, como diziam os inimigos da religião, que taes factos se realisam, e sim pela mercê que o Altissimo concede a um representante na terra.”(OS MILAGRES DE JOAZEIRO,1892: 05)

Esses sentidos da urbe se tornavam presentes e permanentes nas práticas escriturísticas dos poetas construtores desse cordel/livro. Em que o olhar lançado por eles para o sagrado que naquele *locus* aconteceu, seria reavivar as memórias de seus pais, avós, tios. Juazeiro, portanto nasceu com a fé e por isso se tornava um lugar privilegiado onde ela se renovava. Pois, “Em noite de lua cheia/Beija-flor matou serpente/Teve dia que o sol/Nasceu do lado poente/Nas ruas de Juazeiro/Um santo guiava a gente” (ODE: JUAZEIRO DO NORTE, 1987: 08).

O espaço de fé, conforto, alívio, segurança criado para e em Juazeiro proporcionou desde o dia de seu nascedouro um crescimento populacional impar em comparação com as outras cidades da região do Cariri. Dados numéricos colhidos pelo IBGE nos possibilitam perceber que antes do “milagre”, em 1872 esse urbano possuía aproximadamente 2000 almas, enquanto que no início da década de 1980 já tinha 135.620.

“Cidade infantil”, mas de visão. Nessa imagem era ressaltado o discurso sobre o progresso da cidade produzido por esses poetas. Na poesia “Juazeiro cidade” o poeta, Francisco Flávio de Queirós descreveu as transformações do urbano e de uma forma especial às construções de Igrejas. Isso significava que o aumento populacional levava também o expandir de espaços/institucionais de fé: Matriz; Socorro; Franciscano; Salesiano; Limoeiro; São Miguel; Horto e etc. Não apenas os lugares-institucionais de fé estavam presentes nesse livro, mas também os lugares de memória política, que também possuía uma territorialidade físico/simbólico.

Um lugar de memória possuía um espaço especial nas páginas da obra “ode a Juazeiro” tendo uma poesia específica, ela seria a “casa do Padre Cícero”, produzido por Everardo Nobre. Consoante, o poeta na primeira estrofe a “casa não era só mais sua”. Ou seja, entendia-se que a partir da suspensão de ordem do padre em 6 de agosto de 1892 “na qual proibia o Pe. Cícero de pregar e confessar na Diocese não podendo também celebrar em Juazeiro”(OLIVEIRA, 2001:101) ele era um ícone além Igreja-instituição. A partir desse aval proibitivo dado ao sacerdote, o mesmo constituiu a casa que habitava como um recanto do conselho e do encontro com o “sagrado”. Fora, portanto, essa casa que se tornou templo de fé e lugar/morada do santo apropriada como lugar do outro com a fé e com o irmão.

*Deus escolhe o Ser, o Tempo e o lugar,
A casa era do Padre
E era de todos o grande lar,
Janelas e portas eram um universo que se abre
A quem tinha um horizonte por achar.*

As salas e quartos espaçosos

*Guardam lembranças de um passado antigo,
E quem os percorre diz alto e consigo:
A casa era dele e de seu povo esperançoso
Por Deus, pátria e abrigo.*

*A casa era um celeiro
De crença, fé e oração,
Ali viveu
Ali morreu
(foi seu espaço derradeiro)
Mas ficou vivo e não faleceu
Seu grande coração*

*Hoje o visitante
Conhece a Casa e o Padre Cícero Romão,
É só está perto, num longe-indistante
Que a luz-da-fé traz de volta o anfitrião (ODE: JUAZEIRO DO NORTE,
1987:17).*

Na cidade esse espaço urbano-específico em que o romeiro, imigrante, fiéis, juazeirense, era onde juntava os cacos do sentido de cada espaço. Lugares onde os sentidos do corpo permitiam manifestar a emoção de sua memória e o amor para com esse passado. Nessa obra os poetas colocavam esse voltar-se do afetivo para o urbano, isso atrelado à ligação com o sagrado que lá se construía a cada sentido atribuído por seus usuários. Segundo Michel de Certeau, os lugares:

São histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legitimidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo(1998:189).

Esse crescimento populacional revelava o progresso que assustava e encantava os poetas. Eles, portanto, o colocavam como resultado da relação entre o romeiro, que se transformava em um possível imigrante, e o urbano-acolhedor de suas práticas: “Os romeiros são teus,/Filhos de longe a te visitar,/No centro da cidade/O teu coração palpita,/A sonhar contigo,/A crescer contigo,/Com o teu povo...” (ODE: JUAZEIRO DO NORTE, 1987: 05).

Considerações finais

Enfim, nesse sentido a própria cidade seria o milagre de uma fé, Conforme o poeta Sebastião Bandeira Gonçalves a intitulava como “uma cidade monumento”. Ou seja, *locus* afetivo, lugar de memória sobre um passado e de um presente que já passou pelas ações repentinas do devir humano. Para Le Goff, o monumento “é um sinal do passado.

Atendendo às suas origens filológicas, o monumento era tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos” (1990: 535), pensarmos o urbano juazeirense seria olhar as suas cifras, é considera-lo como um documento-monumento, um celeiro vivo de memórias que se cristalizam nos benditos catados por cada peregrino que ali chegava. Ou seja, ela produz sociabilidades e vivência, mas também era produto de uma época, de grupo, de discursos, de imaginários. Para esse historiador, o documento “não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (LE GOFF, 1990: 545).

O urbano juazeirense como um lugar “próprio” que concentrava tantas características também era pensado na sua própria ação de influenciador, como também espaço de construção e (re)invenção de imagens. E essas foram construídas e ressignificadas como um texto que a cada olhar é atribuído novos valores e reforçados velhas concepções mantidas pela mentalidade. Segundo Le Goff, o imaginário “é composto de um fio terra, que remete às coisas, prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que, reporta a vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real” (2009: 47).

Esta cidade-monumento, Juazeiro do Norte, reinventava-se através do imaginário e os poetas da “ode a Juazeiro” através de suas imagens e discursos revelavam essas construções imagéticas a partir de um lugar social. *Locus* de onde fora produzido o discurso e aquele produto, como também produtor do espaço, provinha de uma história, resultava de relações urbanas, fazia parte dos sentimentos afetivos do território, ideológico-político, enaltecedor de sua pátria. Transformando-o em um lugar de cifras que era o urbano subjetivo juazeirense em um sujeito-objeto resultante do: Imigrante/romeiro; o sagrado/profano; progresso/tradição. Enfim, Juazeiro:

*Cidade monumento
De um povo de coração,
Que acolhe o romeiro
De todo este sertão,
Que a cada ano
Visita a nossa região,
Pra olhar o “meu padrinho”
E receber sua santa benção.*

*Cidade da oração
Do trabalho e devoção*

*Cidade do grande sacerdócio
O padre Cícero Romão,
Em que o pobre romeiro
Para as suas desgraças e pecados
Já tem o seu grande perdão,
E deles já recebeu o título;
De protetor do sertão. (ODE: JUAZEIRO DO NORTE, 1987:12)*

Referência Bibliográfica

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O espaço em cinco sentidos:** sobre a cultura, poder e representações espaciais. In: _____. Nos destinos de fronteiras: História espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

_____. **História:** A arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 3 ed, Recife: FJN, Editora Messangana; São Paulo: Cortez, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados e a republica que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 3ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993. Tradução de Ephraim Ferreira Alves.

_____. **A escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural.** Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **A ordem dos livros:** Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”:** Crato (1889-1960). Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação)

BARROS, José D’assunção. **Cidade e História.** Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre de Joazeiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAPLATINE, François. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhar da Idade Média.** Tradução de Stephania Matousek. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1990.

LIMA, Marinalva Vilar de. O problema do popular e do erudito na literatura de folhetos brasileira. In: **Revista art cultural.** Uberlândia, v.11, n.18, p.177-194, jan-jun. 2009.

MELO, Rosilene Alves de. A literatura de folhetos e a saga da e (ru)dição popular. In: Lima, Marinalva Vilar; Marques, Rosento (org.). **Estudos Regionais: Limites e possibilidades.** Crato: NERE/CERES. Ed.2004, pag.147-155.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História.** São Paulo, n.10, p.7-28, 1993.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci**. Fortaleza- Ceará: Premius, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. 2º ed. Belo horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, nº16, 1995, p.279-290.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo e. **Fortaleza**: imagens da cidade. 2º ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do estado do Ceará, 2004.

Recebido em *setembro* de 2011
Aprovado em *novembro* de 2011